

Intervenção de Ludgero Pinto Basto, como orador convidado, na sessão de homenagem póstuma a Carlos George, promovida pela Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, em Novembro de 1986.

A escolha do meu nome para vir dizer umas palavras sobre a personalidade de Carlos George, nesta sessão em que os Hospitais Cívicos lhe prestam uma bem merecida homenagem, deve-se por certo ao facto de nos conhecermos desde há muitos anos - desde os tempos longínquos da nossa passagem pela Faculdade de Medicina - e deve-se talvez particularmente ao convívio que mantivemos durante a nossa estreita colaboração no Serviço 1 de Santa Marta ao longo de mais de 20 anos, na segunda metade da nossa carreira hospitalar. Foi no decurso desse período que tive ocasião de lhe prestar também a minha colaboração durante a sua passagem (infelizmente muito breve) pela direcção do conjunto dos Hospitais Cívicos de Lisboa desempenhando o cargo de Enfermeiro-Mor em acumulação com o de Director do Serviço 1 de Santa Marta. Desta efémera passagem, que deixou contudo vincos indeléveis da acção saneadora e inovadora de Carlos George, resta ainda, entre outras coisas menos óbvias, a Central de Movimentação de Doentes, cuja instalação foi um dos mais importantes factores para a solução (por desgraça pouco duradoura) do gravíssimo problema da acumulação de doentes no Banco de São José. É pena que o funcionamento daquele organismo tenha perdido grande parte da sua prontidão e eficiência e que nunca tenha sido concretizado o projecto inicial da sua computadorização, mesmo nesta época em que há computadores por todos os lados.

Carlos George era dotado de uma personalidade bem vincada, forte, dominadora, o que não impedia que o seu trato fosse afável e aberto. Dai as suas excepcionais qualidades de chefia. Mas a força do seu domínio não era de raiz coerciva; impunha-se pelo peso do exemplo que ele sempre dava de cumprir as suas próprias obrigações escrupulosamente.

A sua proverbial pontualidade (a sua "cronopatia" como diziam graciosamente alguns), a ordem minuciosa que punha em toda a sua actividade, a rigorosa observância dos preceitos e normas estabelecidos por leis e regulamentos ou por ele próprio tornavam-se prontamente conhecidas por todos os que com ele trabalhavam. Embora houvesse por vezes um certo exagero no legalismo literal que professava, no pautar rígido do trabalho próprio e alheio, não podemos ter dúvidas de que o seu exemplo de ser o primeiro a sujeitar-se sem reservas às normas assentes era

eminentemente didáctico e salutar, deu os seus proveitosos frutos e corrigiu muitos defeitos. O temor que inspirava a certas pessoas, muitas vezes manifesto, era apenas a expressão do receio de que se estabelecesse confronto entre dois tipos de comportamento diametralmente opostos. Nos outros, na quase totalidade dos que trabalhavam sob a sua direcção, o sentimento que infundia era o de respeito pelo empenho e pelo valor do seu trabalho, pela coerência e pela rectidão do seu procedimento, embora algumas vezes esse sentimento fosse constrangedor porque de certo modo obrigava a trabalhar mais e melhor.

Mas os traços para mim essenciais da personalidade de Carlos George são o rigoroso racionalismo que enformava toda a sua actividade mental e o seu elevado sentido do dever cívico. Foi a conjugação destes dois elementos fulcrais que fez dele um profissional exemplar e um cidadão de corpo inteiro.

A Medicina Clínica é, como se sabe, uma arte que mergulha raízes cada vez mais profundas e mais vigorosas nas ciências positivas, nomeadamente a física, a química e a biologia. Carlos George compreendeu isto bem e cedo. Fez, por isso, a preparação da sua carreira profissional, o estudo cuidadoso das disciplinas específicas da Medicina com sólida base naquelas ciências positivas, acompanhando a par e passo os progressos da medicina moderna, literalmente até ao fim dos seus dias. Sempre continuou a informar-se e a actualizar-se sobre os problemas da profissão, antes e depois do último concurso, que o levou, muito jovem ainda, ao topo da carreira hospitalar.

Os ricos conhecimentos teóricos que foi adquirindo ao longo dos anos, acrescidos daqueles que a sua prática quotidiana lhe proporcionava, não os malbaratou em jogos académicos; utilizou-os em proveito dos doentes, discutindo sempre que possível com os colegas, particularmente com vistas aos mais novos, as hipóteses diagnósticas e as perspectivas terapêuticas, comparando e criticando as conjecturas, distinguindo e afirmando com vigor as aquisições assentes da ciência, pensando e fazendo pensar reflectidamente sobre cada caso. As suas decisões clínicas nunca se baseavam em crenças ou em fantasias mais ou menos literárias, mas sim e sempre nos dados concretos, que procurava colher exaustivamente desde a anamnese aos exames complementares, e na dedução lógica que deles extraía, pretendendo que o diagnóstico surgisse como uma solução matemática. Ao alinhar as hipóteses diagnósticas com o seu conhecido "abre chaveta", procurava esquematizar o raciocínio que conduzia a essa solução.

Este método que constitui a chave dos seus êxitos clínicos, não o guardou só para si; fez questão de o difundir abundantemente pelos seus inúmeros discípulos. Na verdade Carlos George não se limitou a cuidar da sua própria preparação. Foi um Mestre na acepção genuína do termo. Tudo o que sabia procurou transmiti-lo não só a todos os que com ele trabalharam durante mais ou menos tempo no decurso do quase meio século em que exerceu clínica hospitalar, mas também aos alunos que cursaram o 6º ano de Medicina no Serviço 1 de Santa Marta nos três anos em que os quadros dos Hospitais Civis participaram no ensino das disciplinas clínicas do currículo da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Pode dizer-se que Carlos George, como poucos mestres, fez escola. Recordam-se dele e das suas lições com apreço e gratidão os médicos que foram seus alunos de Clínica Médica, mas são muitos mais (e certamente estão hoje aqui largamente representados) aqueles que devem grande e boa parte da sua formação profissional aos ensinamentos que dele receberam no decurso da carreira hospitalar. E não são apenas internistas e clínicos gerais mas também muitos outros que seguiram outros rumos nas mais diversas especialidades, desde a Cirurgia à Radiologia.

A outra faceta marcante da personalidade de Carlos George é o elevado sentido do dever cívico que desde muito cedo orientou o seu procedimento em todas as circunstâncias. Além de cumprir os deveres cívicos comuns a todos os cidadãos, além de compartilhar generosamente o seu saber com todos os colegas que dele se aproximavam, dedicando ao ensino médico uma grande parcela da sua actividade, Carlos George não se furtou nunca a dar o seu contributo para a solução dos problemas relacionados com a profissão mesmo para além do âmbito estrito da técnica da Medicina. Assim, participou nas Direcções da Associação dos Estudantes de Medicina e da Ordem dos Médicos, em vários organismos de carácter administrativo dos Hospitais Civis de Lisboa (Conselho Técnico, várias comissões de trabalho, Direcção do Hospital de Santa Marta, exercício das funções

de Enfermeiro-Mor) e inclusivamente na Direcção-Geral dos Hospitais. Para exercer estas actividades teve de estudar assuntos de administração hospitalar e assuntos gerais de organização da saúde, o que fez com o empenho, a dedicação e a eficiência que punha em todas as tarefas que assumia. Adquiriu também neste sector uma preparação invulgar, que pôs à prova em todos os cargos que desempenhou e que podia ter sido aproveitada num âmbito muito mais largo, se

tivesse havido vontade de resolver a sério os problemas da Saúde em escala nacional

Da obra que realizou e ajudou a realizar no sector administrativo ainda podem encontrar-se sinais não só nos Hospitais Cíveis de Lisboa mas também nas estruturas e equipamentos dos hospitais distritais e concelhios espalhados pelo país.

Com a aposentação de Carlos George perderam os Hospitais Cíveis de Lisboa um dos maiores valores que abrilhantaram os seus quadros.

Com o seu falecimento perdeu o país um grande clínico.

Aqueles que sentimos dolorosamente a perda de um Colega a muitos títulos notável e de um excelente Amigo que recordaremos sempre com saudade e gratidão, pode servir-nos de algum conforto a certeza de que Carlos George se realizou plenamente como Médico, como Cidadão, como Homem do seu tempo.



Luiz de Barros
Nov. 1986.